

Filipe Furtado, *O Fantástico: Procedimentos de Construção Narrativa em H.P. Lovecraft*, Dialogarts Publicações, Rio de Janeiro, 2017. ISBN 978-85-8199-065-1.

Nas últimas três décadas, a obra e a vida do escritor norte-americano H. P. Lovecraft (1890-1937), tem despertado a atenção de duas classes de leitores. De um lado, os apreciadores de ficção que encontram na obra do autor de Providence histórias inquietantes e inigmáticas e que não raro o conhecem via releituras de outros autores, artísticas e obras contemporâneas, como é o caso de Guillermo del Toro, Alan Moore e Stephen King, ou de jogos analógicos ou digitais. De outro, por parte de especialistas acadêmicos, sobretudo a partir do trabalho do crítico e biógrafo S.T. Joshi, que tem estudado na história de sua obra um caso singular de produção, publicação e recepção literária no decorrer dos séculos XX e XXI.

Antes disso, porém, em 1979, um jovem pesquisador defendia sua tese de mestrado na Universidade Nova de Lisboa. O trabalho de Filipe Furtado à época era composto de dois volumes. O primeiro, «A construção do fantástico na narrativa», tornou-se publicação autônoma, vindo a ser publicada no ano seguinte pela Livros Horizonte de Lisboa. Quanto à segunda parte, dedicada à obra de Lovecraft, ficou praticamente esquecida por anos. Quase quarenta anos mais tarde, um providencial encontro do professor e pesqui-

sador brasileiro Flavio García com Furtado, por ocasião do II Congresso Vertentes do Insólito Ficcional, em 2014 na UERJ, levou ao planejamento da obra que agora resenhamos.

O livro *O Fantástico: Procedimentos de Construção Narrativa em H.P. Lovecraft*, lançado em 2017 pela Editora Dialogarts, é dividido em duas partes. A primeira é dedicada ao debate introdutório sobre a obra, o pesquisador e o autor estudado, sendo assinada por quatro diferentes pesquisadores brasileiros: Flavio García (UERJ), Júlio França (UERJ), Alexander Meireles da Silva (UFG) e Cláudio Zanini (UFRGS). A segunda parte, dividida em dez capítulos, constitui o estudo de Furtado a respeito da obra, dos temas e da estrutura da ficção de Lovecraft.

O capítulo inicial do livro, assinado por García e intitulado, é dedicado ao percurso de publicação da obra. Em seu texto, o pesquisador detalha o processo de edição do volume, lembrando que, como fora escrito há décadas, não se tinha acesso a cópia editável do volume e sim à versão digital dos originais datilografados e com emendas feitas à mão (p. 14). O relato biográfico e editorial da obra crítica engaja o leitor à sua leitura e apresenta uma pertinente reflexão sobre os caminhos e

descaminhos que leva um texto desde sua concepção e preparação até sua eventual publicação.

Essa discussão é intensificada pelo segundo texto do volume, que sumariza os principais elementos da crítica de Furtado. De autoria de Júlio França, o texto abre com uma formulação instigante a qualquer pesquisador de pós-graduação: «O leitor tem em mãos uma vigorosa evidência de quantos estudos notáveis encerraram-se nas bibliotecas universitárias sob o formato de trabalhos acadêmicos» (p. 17). A seguir, França dedica-se a introduzir as principais teses de Furtado, capítulo a capítulo, ressaltando os fenômenos metaempíricos que definem o sobrenatural na obra do autor de Providence, a centralidade do eu em detrimento de uma quase ausência do outro em suas histórias e a presença de uma visão de mundo destituída de sentido, que parte do presente e chega a um passado imemorial, recusando assim «qualquer modo de otimismo, seja antropocentrismo, seja teocêntrico» (p. 26).

O terceiro capítulo, «Filipe Furtado – Um Arquiteto do Fantástico», é assinado por Alexander Meireles da Silva e apresenta ao leitor um panorama do autor e da obra. Para Silva, Furtado parte de considerações mais gerais e abrangentes do gênero fantástico, que remetem ao texto basilar de Todorov, para propor uma narração do fantástico baseada em conceitos que com frequência o aproximam de autores como Barthes, Genette e Greimas, indicando assim suas bases estruturalistas. Silva também discute a forma

como Furtado problematiza um dos temas centrais da ficção lovecraftiana: o sobrenatural negativo ou o problema do mal, discutidos pelo autor português através da identificação da estrutura «Avidez intelectual → Possessão → Destruição», estrutura que perpassa a obra do escritor de Providence (pp. 29-30).

No último capítulo desta primeira parte, «H.P. Lovecraft – Weird Fiction for Weird Times: Os Tempos e Paradoxos», Claudio Zanini analisa o autor estadunidense a partir da ideia de «paradoxalidade». Essa ideia é discutida por Zanini ao narrar a precocidade do jovem escritor, os conflitos familiares, as severas mudanças sociais e culturais da virada do século XIX para o XX e as inovações tecnológicas —ambiguamente fascinantes e assustadoras— que ele vivenciou. Para Zanini, a estranheza das pouco mais de quatro décadas em que Lovecraft viveu «era percebida na reconfiguração e readaptação das pessoas às novas situações, e aí reside mais um paradoxo da ficção lovecraftiana, o de como a estranheza de sua ficção, pautada na subversão de leis universais (...) na verdade disfarça uma crônica acurada de sentimentos e medos vigentes nos EUA do início do Século XX» (pp. 35-36).

A partir desta constatação, Zanini analisa temas lovecraftianos como invasões alienígenas à luz da ameaça nazista e reanimação de cadáveres como metáfora para os perigos da tecnologia. Completam seu texto outros paradoxos, como a prolixidade de seus escritos, a escolha por um modo narrativo pouco valorizado, o

compreensível não-reconhecimento em vida, fosse ele editorial ou acadêmico, e sua natureza arredia e misantrópica, apesar de suas amizades por correspondência e de seus muitos escritos mostrarem uma dimensão humana que implorava por reconhecimento e empatia.

Esses primeiros quatro ensaios criam um pano de fundo crítico, biográfico e histórico ideal para a passagem à segunda parte, onde encontraremos os dez textos assinados por Filipe Furtado e que compreendem o livro em si. Tanto para leitores e conhecedores da obra de Lovecraft como para possíveis interessados no livro exclusivamente por sua natureza teórica e crítica, esses capítulos são instigantes e acessíveis, servindo como eficiente introdução à pesquisa de Furtado.

O primeiro capítulo desta segunda parte, «Os Temas Centrais» —que constitui o maior capítulo do livro (p. 43-79)—, detalha o escopo e o recorte de pesquisa. Furtado faz isso através daquilo que chama de «delimitação negativa», ou seja: obras que não integrarão sua análise. Entre essas, estão textos de caráter maravilhoso, ficção científica e escritos em co-autoria, como foram os assinados por Lovecraft e August Derleth. Após essa delimitação, Furtado apresenta uma das teses de seu livro: apresentar uma estrutura comum a muitos dos contos do autor:

Tal esquema diegético pode ser sumariado da seguinte forma: Um indivíduo, singularmente culto e de grande *avidez intelectual*, procura aprofundar o

seu saber num ou mais ramos do conhecimento, empenhando-se de modo excessivo em formas geralmente insólitas de investigação científica ou de criação artística. No decurso dos seus estudos, através dum texto ou de qualquer objeto, esse indivíduo entra súbita e involuntariamente em contato com uma manifestação desconhecida e, segundo parece, alheia às leis da natureza. O contato estreita-se, levando-o de forma gradual a tornar-se presa dessa fenomenologia alucinada ou do seu agente, o monstro. A relação de dependência e posse, que assim se vai estabelecendo, reflete-se na alteração, cada vez mais acentuada, dos caracteres físicos e psíquicos da vítima, vindo esta, eventualmente, a sofrer um processo de degenerescência que, por um percurso inevitável, a conduzirá à aniquilação total (p. 45).

A redução do modelo estrutural acima em três fases essenciais —«Avidez intelectual → Possessão → Destruição»— perpassará o argumento de Furtado em todo seu livro. Segundo ele, essas linhas temáticas desembocarão em um número variável de motivos e submotivos de sua ficção, como acontece nos enredos protagonizados por Charles Dexter Ward, Henry Akeley, Robert Blake, Jervas Dudley, Henry Wilcox, Harley Warren, Walter Gilman e Arthur Jermyn, entre outros personagens típicos lovecraftianos. Em muitos desses personagens, a «voracidade intelectual» se manifesta com uma «precocidade excessiva». Neles, a avidez intelectual, a fixação pelo olhar e a revelação onírica —intensificados pela obsessão por

documentos e livros e por impressões sensoriais inquietantes— levarão ao que Furtado julga ser essencial em Lovecraft e na ficção fantástica em geral: o tema da posse e as metamorfoses (para não dizermos destruição) física e mental decorrentes dela. É nesse último aspecto que Furtado se concentrará até o final do capítulo, além da relação entre o eu e o outro e a problemática dimensão do feminino e da sexualidade —ou sua aparente ausência— na obra de Lovecraft (pp. 71-74).

O segundo capítulo, «Os Malefícios do Passado», detalha a forma como o passado histórico de séculos ou o tempo milenar longínquo são encapsulados em muitos de seus contos, podendo chegar a eras longínquas e imaginárias. Esse passado e seus assombrosos efeitos é marcado no presente da diegese tanto por objetos, livros e manuscritos quanto por hereditariedades amaldiçoadas. No final dessa linha temporal perversa estão os Antigos, entidades cósmicas antiquíssimas e grandes responsáveis pelo horror cósmico tão comumente associado a Lovecraft, sobretudo por aquilo que Furtado chama de «ressonância hierática», como Azathoth, Yog-Sothoth, Cthulhu e Nyarlathotep.

O terceiro e quarto capítulos, intitulados «O Verossímil: Fatos e Documentos» e «O Verossímil: Recursos e Insuficiências», dão conta de analisar os recursos usados pelo ficcionista para produzir a impressão de logicidade narrativa que se espera de uma obra ficcional. Partindo de um excerto do próprio autor sobre a escrita de textos fantásticos, Furtado lista al-

guns de seus procedimentos mais usuais a fim de reforçar a impressão de credibilidade ficcional em seus textos, como «Referências Factuais», «Testemunhos» e «Cenários Realistas», que são trazidos à baila na forma de pretensos dados históricos, relatos pessoais, enumeração de eventos, documentos e/ou livros, ou ainda, remissões a fatos que «teriam ganhado a opinião pública», entre outros exemplos que Lovecraft lança mão a fim de fortalecer a verossimelhança em seus textos.

Em «Fatos e Documentos», ainda dedicado ao problema da verossimelhança, Furtado analisa a construção das «inúmeras referências intertextuais» que unificam as ditas narrativas do Ciclo de Cthulhu, como às menções a Miskatonic University ou ainda ao misterioso *Necronomicon*. Por fim, Furtado analisa o fato de o calcanhar de Aquiles da ficção de Lovecraft estar justamente em uma de suas principais características: seu incomparável estilo narrativo. De forma óbvia, muitos dos relatos apresentados por seus narradores não poderiam ter sido vivenciados e depois registrados à posteridade, uma vez que muitos deles foram destruídos ou estão desaparecidos, ou então enlouqueceram. Além disso, o caráter hiperbólico de suas descrições monstruosas e a ruptura temporal entre o que se vê e o que se descreve acabam por implodir o próprio construto ficcional, tão severa e detalhadamente construído. A dissemetria entre a verossimelhança construída a partir de exaustivos dados factuais e a verossimelhança desperdiçada em descrições mons-

truosas grotescas e absurdas é um dos mistérios que a trama e o estilo de Lovecraft contiúam a encerrar.

No quinto capítulo, «Dizer o sobrenatural», Furtado investiga um dos elementos da prosa lovecraftiana que é comumente criticado: a descrição verborrágica do insólito monstruoso. Aqui, o crítico português também analisa a «estrutura esquemática» de muitos dos textos do autor, muitos deles começando *in ultimas res*, ou em uma rápida alusão ao seu final. Apesar de eficiente do ponto de vista da fabricação da tensão ficcional, esse recurso acaba por também implodir a coêrencia da história, uma vez que se um personagem enlouqueceu, desapareceu ou foi destruído, como é possível a simples elucubração narrativa de suas causas? Sobre isso, Furtado declara:

Ainda que ocasionalmente empregado, o processo está longe de ser favorável ao gênero, por retirar, quase sempre, credibilidade à ocorrência insólita, impedindo-a de suscitar, no receptor do enunciado, a aceitação parcial dela, elemento indispensável ao desenvolvimento da perplexidade visada pelo fantástico (p. 132).

Ainda neste capítulo, Furtado analisa a construção do narrador, a aparição do monstruoso e a qualidade das hipérbolas e metáforas do conto de Lovecraft. Já no sexto, «O Monstro e os Outros», o crítico investiga a construção do antagonista fantástico, maravilhoso ou insólito, a partir da organização da narrativa e da trama.

Nesse sentido, de grande ajuda são as tabelas análicas (pp. 150 e 151) em que são diferenciados e identificados elementos ficcionais associados ao Mundo Empírico e ao Mundo Meta-Empírico presentes nos enredos de «O Caso de Charles Dexter Ward», «Um Sussurro nas Trevas» e «O Horror de Dunwich». No sétimo capítulo, «Os Dois Lados da Narração», Furtado retoma a análise das funções do emissor e do receptor, do narrador e do narratário, análise que ele já havia detalhado em *A construção do fantástico na narrativa* (1980). Porém aqui, o que se faz é discutir a larga utilização que Lovecraft faz do narrador em primeira pessoa, ora constituindo-o como homodiegético, ou personagem secundário, ora como autodiegético, no caso de um narrador protagonista.

No capítulo seguinte, «As Duplicidades do Espaço», o crítico parte de dois planos básicos no que concerne à caracterização espacial: o real, geográfico ou imaginário, e o «alucinado», que pode ser duplo, não-euclidiano ou sonhado. É a partir dessas categorias que cenários como Arkham, Innsmouth, Dunwich e a Miskatonic University, além dos rios Manuxet e Miskatonic e a região de Dark Mountain, são revisitados e discutidos. São essas «localidades reais» —vivenciadas, imaginadas ou sonhadas— que servem de vias de acesso para espaços abissais como oceanos, abismos, vastidões cósmicas ou outros universos.

Depois de debruçar-se sobre elementos estruturais e estilísticos por seis capítulos (3-8), Furtado encaminha-se

para o encerramento do seu estudo retornando à problematização temática. Em «As Armadilhas do Conhecimento», penúltimo capítulo do livro, ele discute a forma como a fascinação com o saber e o conhecimento leva muitos dos protagonistas lovecraftianos ao desespero e à destruição. Sobre esse particular aspecto de sua ficção, Furtado empreende uma eficaz catalogação de como os campos semânticos utilizados pelo autor reforçam essas estruturas temáticas:

Os temas recorrentes nas narrativas de Lovecraft evidenciam diversos elementos que formam uma simbologia do conhecimento: nas personagens (cientistas, professores universitários, artistas e outros intelectuais); no espaço (bibliotecas, laboratórios, universidades); nos objetos que o povoam (livros e documentos de toda a ordem); na ação, tantas vezes centrada na busca do saber; no próprio ato narrativo produtor, muitas vezes, entrecortado por reflexões sobre a validade do processo cognitivo ou tiradas sobre o universo e os seus mistérios (p. 182).

A partir dessa enumeração, Furtado produz *insights* importantes sobre a construção de seus heróis, como o fato deles buscarem descobrir tanto sobre o mundo exterior e seus enigmas cósmicos e saberem tão pouco de si próprios (p. 184), a prática da arte como uma fuga da realidade em direção ao bizarro, ao grotesco e à morbidez (p. 185) e a busca pelo sonho a fim de criar uma pseudo-realidade interior para a obtenção do conhecimento (p.

186). No final de todos esses processos, o que temos é o desenlace nefasto, a abominação de muitos desses protagonistas, todos excessivamente desejantes de saber, arte ou idealizações.

No último capítulo do livro, «Um Darwinismo Cósmico», Furtado discute a solidão e o isolamento que caracterizam muitos, senão a grande maioria, dos heróis condenados de Lovecraft. Grupos sociais ou cósmicos, quando surgem, surgem para intensificar esses sentimentos de exclusão, abandono ou condenação existencial ou física. São heróis repletos de características dignas de nota que no instante seguinte são obrigadas a vivenciar a mais absoluta derrota, o que adensa «o caráter profundamente involutivo, regressivo» de sua ficção (p. 197). É nesse ponto que o crítico português responde a uma das críticas mais severas à obra e à persona de Lovecraft: sua postura elitista e xenofóbica.

A ficção lovecraftiana deixa transparecer, ainda que ocasionalmente e de forma distorcida, várias questões fundamentais da época em que foi produzida, como o racismo, a imigração, a selva econômico-social das primeiras décadas do século, a Depressão e os ecos do fascismo. As referências a vários desses aspectos surgem em resultado da prioridade concedida a determinados indivíduos sobre a sociedade, tanto na vida quotidiana, quanto na vida cognitiva, bem como da concepção elitista da sociedade, do que se poderia denominar a concepção da história, real e fictícia, detectável na ficção lovecraftiana (p. 198).

Evitando biografismos óbvios, aqui Furtado entrecruza com sobriedade a intersecção entre ficção e contexto-social, dando à obra de Lovecraft um verniz ainda mais complexo. Para um autor que viveu o isolamento social em contextos privados e públicos, os liames de seus complexos, temores e preconceitos, acabam vazando pelos vãos de suas ficções tentaculares, monstruosas e desalentadoras. Trata-se de um «pessimismo radical» que irá encontrar na dissolução cósmica um amargo e ambíguo desfecho. Segundo Furtado, essa «perspectiva amarga resulta da absurda ausência de sentido da vida e do lugar infinitesimal atribuído ao homem na ordem geral das coisas» (p. 201).

Esse vazio abissal que constitui os esforços individuais e coletivos, científicos

e artísticos, humanos e cósmicos, perpassa a obra de Lovecraft. Para Furtado, são essas contradições, essas dissonâncias terríveis e inquietantes, que percebemos na sua obra, uma ficção cuja construção narrativa e artesanaria estilística tem mais e mais atraído a atenção de leitores e estudiosos da literatura. Com *O Fantástico: Procedimentos de Construção Narrativa em H.P. Lovecraft*, esses dois grupos ganham um estudo criterioso e estimulante sobre a obra do enigmático cidadão de Providence.

ENÉIAS TAVARES
Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM)
eneiastavares@gmail.com

